

## **SENTIDOS EM TRÂNSITO (TELE)COLABORATIVO: COSTURANDO SABERES, PROBLEMATIZANDO ESTEREÓTIPOS**

**Fábio marques de souza**

**Helaine de souza maciel**

**Helenildo arruda de macedo junior**

**Rickison cristiano de Araújo silva**

### **INTRODUÇÃO**

O Teletandem constitui-se como uma prática de ensino-aprendizagem de línguas mediada por tecnologias digitais, ancorada nos princípios de reciprocidade, autonomia e separação de línguas (Vassallo; Telles, 2009). Seu objetivo é promover interações bilíngues entre pares, em contextos colaborativos e interculturais, nos quais cada participante assume, simultaneamente, os papéis de aprendiz e colaborador. Essa prática apresenta três modalidades principais: o Teletandem não integrado, realizado de forma autônoma e sem vínculo institucional; o semi-integrado, com mediação docente, mas sem inserção curricular plena; e o institucional integrado, articulado a componentes curriculares, com objetivos pedagógicos definidos, acompanhamento docente e vínculo com políticas acadêmicas de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização (Aranha; Cavalari, 2014).

O Teletandem Institucional Integrado (TTDii), foco deste estudo, combina sessões síncronas por videoconferência com momentos de mediação pedagógica, configurando-se como espaço formativo privilegiado para a aprendizagem de línguas adicionais e para o desenvolvimento de competências interculturais, digitais e reflexivas – aspectos particularmente relevantes na formação inicial de professores de línguas. A Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), nesse contexto, não se limita à análise formal da estrutura linguística, mas propõe uma compreensão da linguagem como fenômeno vivo, histórico e relacional, atravessado por valores, ideologias e posicionamentos axiológicos. Para Bakhtin (2011), o sentido não reside na palavra isolada, mas na interação viva das vozes – é nessa perspectiva que concebemos o Teletandem como espaço de coconstrução de sentidos em trânsito.

Neste artigo, analisamos as crenças enunciadas por dois aprendizes de línguas estrangeiras – Ana, licencianda brasileira do curso de Letras-Espanhol, e Pablo, estudante mexicano de Engenharia em Telecomunicações – durante uma sessão de TTDii realizada em parceria entre a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Mais do que interpretar tais crenças em sua materialidade discursiva, interessa-nos refletir sobre a potencialidade pedagógica do dispositivo, considerando o Teletandem como ecossistema comunicativo

capaz de promover deslocamentos, problematizar estereótipos e produzir aprendizagens interculturais significativas.

Esta investigação ancora-se na Linguística Aplicada Crítica (Pennycook, 2006; Moita Lopes, 2006) e na TDL, compreendendo as crenças como construções discursivas historicamente situadas, materializadas em enunciados concretos e atravessadas por vozes sociais, ideológicas e afetivas. Adotamos, aqui a definição de Barcelos (2006, p. 18), segundo a qual as crenças são “formas de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo em seus fenômenos, construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais, paradoxais”.

Tal concepção dialógica aproxima-se da noção bakhtiniana de que todo enunciado é povoado de vozes sociais, de modo que as crenças podem ser compreendidas como respostas históricas e ideológicas à multiplicidade de discursos que circulam socialmente. Como afirma Bakhtin (2006, p.29), “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.”.

O título deste artigo busca traduzir o caráter dinâmico, relacional e politicamente situado da construção de sentidos no contexto do Teletandem. A metáfora da costura, evocada por Ana ao longo da interação, mobiliza uma prática simbólica e afetiva que remete à produção de vínculos, tramas e reconexões entre saberes, identidades e memórias. Ao mesmo tempo, aponta o movimento de deslocamento e desnaturalização de estereótipos culturais que emergem do diálogo, marcando a experiência como espaço de negociação e ressignificação.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter etnográfico e netnográfico (André, 1995; Kozinets, 2014), fundamentada na perspectiva dialógica da linguagem. O corpus corresponde à primeira sessão síncrona de interação via Zoom, selecionada por sua riqueza de sentidos e pela emergência de crenças em negociação intercultural. A análise seguiu um percurso descritivo-interpretativo (Bortoni-Ricardo, 2008), orientado pelos significados presentes no próprio material empírico, envolvendo: (i) leitura integral do corpus; (ii) seleção de passagens significativas; (iii) organização em blocos temáticos; e (iv) formulação de núcleos de sentido. Essa escolha nos permitiu evidenciar regularidades, tensões e ressignificações produzidas pelos interagentes.

### Categorias de análise

As categorias aqui analisadas emergiram da própria materialidade discursiva da interação, sem categorias pré-definidas. Foram organizadas a partir de três critérios principais: (i) recorrência temática ao longo da sessão; (ii) relevância para o contexto intercultural do Teletandem; e (iii) intensidade responsiva, isto é, a força com que os enunciados mobilizaram afetos, tensões e negociações de sentido. A seguir, apresentamos cada categoria, acompanhada de trechos representativos e da análise correspondente.

“É muito comum... exploração familiar”: trabalho, sociedade e desigualdade

Na tarde de 14 de abril de 2023, a sala virtual de videoconferência tornou-se um espaço fértil de sentidos. Na interação entre os participantes, sobressaem enunciados sobre desigualdades estruturais e formas atuais de exploração do trabalho. O tema da imigração latino-americana logo se desdobra no debate sobre trabalho análogo à escravidão. Ana situa o problema em sua realidade local: “hoje [a exploração] está mascarada...”; “é muito comum... confecções de roupas... as famílias recebem as máquinas de costura em suas casas e [trabalham] por centavos por peça”; trata-se, diz ela, de uma “exploração familiar” que envolve inclusive adolescentes. Ao nomear, Ana articula denúncia e memória social, convertendo experiência vivida em crença situada: a exploração é histórica, naturalizada e intergeracional. A própria metáfora da costura opera duplamente: prática concreta e figura do enredamento de sujeitos em tramas desiguais, costurando sentidos sobre valor do trabalho, direitos e invisibilização.

Pablo amplia o horizonte ao historicizar a escravidão e refletir a respeito das suas roupagens contemporâneas: “todos nós [estamos] escravizados... pelo trabalho ou pela escuela...”, dinâmica que se esconde nas exigências “da sociedade” e do “capitalismo” e na dependência tecnológica cotidiana. Em outro momento, resume: “nos acostumamos a fazer as coisas pela necessidade que temos como sociedade”. Esses enunciados explicitam crenças implícitas (Barcelos, 2001/2006): percepções naturalizadas que orientam práticas, ainda que pouco tematizadas. Ao mesmo tempo, revelam um ponto de vista dialógico: o sujeito reconhece agência, mas se vê capturado por estruturas socioeconômicas que moldam desejos, rotinas e consumos.

À luz da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), as falas compõem uma polifonia: a voz da denúncia (visibilização das injustiças), a da resignação (persistência histórica) e a da crítica (alienação e captura da subjetividade) se cruzam sem se anularem. A responsividade ativa aparece na interpelação recíproca: a licencianda convoca o outro ao partilhar e julgar a “exploração familiar”; o mexicano responde com uma leitura estrutural que (re)significa a experiência. Assim, o Teletandem mostra sua potência ética e pedagógica: um lugar onde crenças são expostas, tensionadas e retextualizadas em saberes “em trânsito”, problematizando estereótipos e abrindo caminho para deslocamentos interpretativos subsequentes.

Se neste primeiro eixo observamos como crenças se constituem em torno das desigualdades sociais e do trabalho exploratório, a seguir destacamos a centralidade da tecnologia digital no cotidiano e seus efeitos sobre a autonomia dos sujeitos.

“Sem a tecnologia nós já não conseguimos viver”: dependência digital e vida cotidiana

Durante a interação, Ana manifesta uma crença sobre a dependência tecnológica em tom de brincadeira, mas que revela inquietações críticas quanto ao lugar da tecnologia nas relações humanas: “sem a tecnologia nós já não conseguimos viver, né?... se o

Wi-Fi cair, provavelmente a gente vai entrar em guerra e todo mundo vai colapsar, num é?”. Ainda que formulada com leveza e humor, a fala carrega uma valoração crítica, evidenciando a percepção de que a conectividade se tornou condição de existência. A luz da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), esse enunciado não deve ser lido como uma fala isolada, mas como resposta ativa a discursos sociais e midiáticos que naturalizam a dependência tecnológica.

Como afirma Volóchinov (2017, p. 218) “a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, mas o acontecimento da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de outros enunciados”. O enunciado de Ana, portanto, adquire sentido pleno na relação com outras vozes culturais que circulam socialmente. Em termos bakhtinianos, evidencia-se o entrelaçamento de discursos da cultura digital e do consumo tecnológico, ainda que sem ruptura explícita com esse paradigma. Conforme Pennycook (2001), a linguagem carrega ideologias; nesse caso, a licencianda ecoa valores que associam bem-estar à conectividade constante.

Na sequência, Pablo reforça essa percepção ao afirmar: “nós não podemos viver sem um móvel, sem um aparelho tecnológico...” (Pablo). A repetição, como lembra Bakhtin (2011), não é neutra: ao reiterar formas discursivas hegemônicas, o sujeito pode revelar adesão inconsciente a valores dominantes. Nesse caso, a fala do mexicano confirma a centralidade da tecnologia como elemento naturalizado, incorporado ao modo de viver contemporâneo, mais do que objeto de contestação.

Nesse cenário, as crenças enunciadas por Ana e Pablo ilustram o caráter responsivo e ideológico da linguagem. Seus posicionamentos emergem como formas de dialogar com discursos amplamente difundidos sobre produtividade, conectividade e estilo de vida digital. O tom leve, a repetição e até o humor operam como marcas enunciativas que revelam tensões entre crítica e conformidade, apontando a linguagem como espaço de disputa de sentidos, onde se articulam afetos, ironias e valores.

Da reflexão sobre a dependência tecnológica, o diálogo transita para as representações culturais, momento em que emergem estereótipos compartilhados e contestados pelos participantes.

“El clásico estereotipo”: problematizando imagens cristalizadas do outro

A mudança de idioma na interação não é apenas uma transição linguística, mas uma entrada em nova chave enunciativa, na qual os sujeitos mobilizam outros registros de sentido e novas vozes sociais. Ao passarem ao espanhol, intensificam o intercâmbio cultural, trazendo à tona festas típicas, culinária e, sobretudo, estereótipos enraizados nas representações sociais e midiáticas. O que emerge, porém, vai além da superfície temática: evidencia-se um desejo compartilhado de desestabilizar imagens cristalizadas sobre o Outro cultural.

Ana expressa incômodo com a redução da diversidade mexicana à figura do Día de Muertos: “me parece un poco aburrido que... se trate México solamente como Día de muertos... hay otras cosas”. Seu enunciado opera como gesto responsivo, rompendo

com a passividade diante de discursos instituídos e explicita uma crença metalinguística e metacultural, voltada à crítica do próprio processo de interação intercultural como espaço de desconstrução. Pablo acolhe e amplia essa crítica, nomeando-a como “el clásico estereotipo”, ao exemplificar: “que siempre lleva sombrero, tiene bigote...”. Ambas as falas revelam a presença de vozes midiáticas, escolares e sociais, mas também a urgência de reconfigurá-las.

Essas enunciações configuram-se como atos ético-estéticos (Bakhtin, 2011), ao mesmo tempo críticos e valorativos. O diálogo estabelecido não segue uma lógica hierárquica, mas se ancora no princípio da coautoria e da escuta ativa: Ana tensiona o lugar comum e Pablo o historiciza, reconhecendo os efeitos ideológicos dos estereótipos na construção de identidades culturais. Ao afirmar que “todos los países tienen sus estereótipos... pero creo que esta oportunidad... está justamente para romperlos”, a brasileira projeta a própria interação como prática de resistência simbólica.

Nesse gesto, o Teletandem afirma-se como um ecossistema comunicativo decolonial, no qual sujeitos reelaboram seus olhares a partir do encontro com a diferença, ressignificando vozes hegemônicas e reafirmando a alteridade como construção situada e negociada (Silva, 2024). As problematizações em torno dos estereótipos abrem caminho para uma discussão mais ampla sobre diversidade cultural e pertencimento, em que Ana e Pablo se posicionam como vozes situadas de suas regiões e países.

“Brasil es muy grande, es también muy diverso”: cultura, pertencimento e vozes subalternizadas

As falas de Pablo e Ana revelam um momento de inflexão na interação: ao se afastarem de representações simplificadas sobre seus países, eles constroem enunciados que afirmam a cultura como experiência plural, heterogênea e situada. Em ambos, emerge uma crença comum: a cultura não é monolítica, mas múltipla, histórica e responsiva, sendo vivida na diversidade de vozes que compõem o tecido social.

Pablo destaca a “mega diversidad” do México ao mencionar celebrações regionais, como as da Península de Yucatán: “creo que hacen algo especial en el día de la primavera, el 21 de marzo...” . A fala não apenas informa, mas convida à coparticipação, quando pergunta: “no sé si en Brasil llegue al mismo tiempo, ¿si es el mismo tiempo o no?” . Essa dúvida aparentemente factual funciona como gesto responsivo, sinalizando abertura à alteridade e disposição em reconhecer semelhanças e diferenças culturais em diálogo.

A licencianda, por sua vez, contesta a imagem homogênea do Brasil projetada no exterior: “para quién está fuera... se ve mucho solamente Río y São Paulo, que son los Estados más turísticos”. Em resposta, afirma com ênfase: “Brasil es muy grande, es también muy diverso” . Ao descrever as festas juninas de sua região: “todas las comidas están hechas de maíz... básicamente es el mes del maíz”, salienta a centralidade do alimento como marca cultural. Esse enunciado funciona como um contra-discurso ao olhar reducionista sobre o país (Silva, 2024), erguendo o Nordeste como voz legítima e polifônica dentro do Brasil.

Nesse processo, as crenças dos interagentes configuram o que Barcelos (2006) denomina crenças enunciadas: verbalizadas de maneira explícita e consciente, mas carregadas de historicidade e ideologia. Segundo Bakhtin (2003, p. 121), “toda enunciação está carregada de valores, é orientada, é uma tomada de posição no mundo”. Ao destacar festas locais e contrastá-las com celebrações de outras regiões, a brasileira não apenas descreve costumes: ela assume uma posição ideológica contra o apagamento cultural do Nordeste. Sua fala contém também um componente ético-estético, pois reivindica visibilidade para uma região frequentemente invisibilizada em discursos midiáticos e turísticos. Essas falas evidenciam não apenas resistência ao olhar reducionista, mas também o que Bhabha (1994) denomina hibridismo cultural, espaço de negociação onde identidades se constroem na fronteira, em trânsito, abrindo novas possibilidades de pertencimento.

A própria performance discursiva de Ana é reveladora: suas pausas, hesitações e alternâncias de código (code-switching) entre português e espanhol são índices de esforço enunciativo. Esse esforço reflete a tentativa de abarcar a multiplicidade cultural brasileira em um único turno de fala. O code-switching, longe de ser aleatório, funciona como estratégia identitária e comunicativa que carrega sentidos, indicando zonas de tensão, hesitação, busca de precisão ou ênfase (Gumperz, 1982; Moita Lopes, 2003). No contexto do Teletandem, pode ser lido como gesto de autenticidade e de negociação discursiva diante da interlocução intercultural. Essas alternâncias de código remetem ao que Bakhtin (2011) denomina heteroglossia, ou seja, a convivência de múltiplas vozes e sistemas linguísticos que atravessam todo enunciado, confirmando a heterogeneidade constitutiva da linguagem.

De modo semelhante, Pablo convoca um discurso que desnaturaliza a homogeneização do México. Ao ressaltar práticas regionais e sua diversidade, ele dá visibilidade a vozes subalternizadas, frequentemente eclipsadas por imagens oficiais e midiáticas. Sua pergunta sobre a primavera no Brasil revela mais do que curiosidade: expressa desejo de conhecer o outro em sua singularidade, postura que, como lembra Bakhtin (2017, p. 107), reafirma que “o ser é ser para o outro e por meio do outro”.

A comparação feita por Ana entre o Norte do Brasil e países amazônicos vizinhos também é significativa: “cuando nos vamos al Norte ya es una cultura mucho más indígena... parecido con Colombia, con Venezuela”. Nesse enunciado, observa-se um movimento geopolítico contra-hegemônico, que desloca as fronteiras nacionais rígidas e projeta um pertencimento transfronteiriço. Ao afirmar uma proximidade cultural com Colômbia e Venezuela, a licencianda questiona a narrativa nacional centralizadora e reafirma vínculos ancestrais indígenas que escapam à lógica homogenizadora do Estado-nação.

Assim, as falas de ambos ilustram a compreensão bakhtiniana de cultura como processo vivo, dialógico e ideologicamente atravessado. “A cultura vive e se desenvolve nas formas do contato ativo entre os povos e entre diferentes vozes e consciências culturais. Sem esse contato ativo, não há vida cultural” (Bakhtin, 2011, p. 391). Nesse episódio, a cultura aparece como campo de vozes em disputa, lugar de tensões e contrastes, mas também de encontros e reconhecimentos.

As crenças enunciadas se configuram, portanto, como respostas vivas a discursos hegemônicos. Não são estruturas mentais isoladas, mas práticas discursivas responsivas, que resistem à lógica da homogeneização e celebram a complexidade. Como sintetiza Bakhtin (2011, p. 315), “toda significação viva está em tensão com



outras significações. A linguagem é um campo de luta pelo sentido". É justamente esse campo de luta que se atualiza na interação analisada, em que sujeitos expressivos não apenas relatam festas e costumes, mas reivindicam a legitimidade de suas culturas locais, construindo juntos uma cartografia afetiva, crítica e plural da identidade nacional e latino-americana.

Essa valorização da diversidade cultural prepara o terreno para uma reflexão mais profunda sobre a língua(gem) e sua dimensão subjetiva e transformadora, onde emergem crenças sobre identidade, diálogo e Grande Tempo.

"Eu faço muitas complexas situações": língua(gem), subjetividade e transformação

A fala de Pablo: "los viajes y los idiomas te cambian la vida... te abren la mente de tal manera que no ves a las personas como tú piensas que en realidad son", expressa uma crença experienciada sobre a potência transformadora da linguagem e da interculturalidade. Sua enunciação ancora-se na vivência concreta de deslocamento subjetivo, revelando que os processos formativos não ocorrem isoladamente, mas se dão na e pela relação com o outro. Na perspectiva da Linguística Aplicada Crítica (Pennycook, 2006; Moita Lopes, 2006), trata-se de um testemunho de como os usos da linguagem em contextos pluriculturais funcionam como práticas de resistência e reconstrução identitária.

Essa compreensão dialoga com a filosofia da linguagem de Bakhtin, para quem a consciência se constitui na alteridade e na responsividade. "A consciência não é um espelho passivo, mas uma resposta ativa" (Bakhtin, 2010, p. 112). A fala de Pablo materializa justamente esse movimento responsivo: não é apenas um relato sobre viagens ou idiomas, mas a expressão de uma consciência em transformação, que se reconfigura ao se abrir ao mundo e aos valores do outro. Nesse processo, a linguagem é central, pois, como afirma Bakhtin (2011, p. 127), "é na palavra que o homem se forma e se reconhece".

Tal abertura não se limita à situação imediata do diálogo, mas insere o sujeito em um campo ampliado de sentidos, o Grande Tempo, categoria bakhtiniana que articula a historicidade dos enunciados e sua inscrição em redes de vozes que ultrapassam o aqui e agora. "O Grande Tempo nos dá a possibilidade de entrar em contato com culturas distantes... nada está definitivamente morto — cada sentido aguarda o seu tempo de renovação" (Bakhtin, 2011, p. 378). A fala de Pablo ecoa esse tempo maior: condensa vivências, narrativas, deslocamentos históricos e subjetivos, projetando novas formas de ser e de pensar.

Essa mesma lógica aparece na enunciação de Ana, que nomeia o Teletandem como oportunidade: "todos los países tienen sus estereótipos... pero creo que esta oportunidad que estamos teniendo está justamente para romperlos".

Ao assim se posicionar, ela reconhece o potencial ético, pedagógico e político da experiência, percebendo-a como espaço de confronto e superação de discursos cristalizados, conforme Silva (2024), que vê nas práticas telecolaborativas oportunidade de reflexão crítica e ruptura de estereótipos. Sua crença se inscreve no

horizonte do que Bakhtin (2011, p. 126) define como função ética da linguagem: “todo enunciado é uma tomada de posição ativa em relação ao mundo”. Por outro lado, o caráter transformador das falas de Ana e Pablo dialoga com Freire (1996), para quem a educação é uma prática de liberdade, capaz de mobilizar sujeitos a ler o mundo criticamente e a reinventar-se no encontro com o outro.

Nesse processo, destacamos a noção bakhtiniana de coautoria responsiva, fundamental para a Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), em que cada sujeito não apenas responde ao outro, mas contribui de forma singular para a construção do discurso comum. A linguagem, portanto, torna-se espaço de responsabilidade compartilhada, onde o sujeito se constitui eticamente diante da palavra do outro.

Assim, esse diálogo, inscrito no Grande Tempo (Bakhtin, 2011), aproxima-se do que Walsh (2009) chama de interculturalidade crítica, ao promover deslocamentos que desafiam hierarquias coloniais e abrem espaço para um encontro ético-político entre sujeitos. As crenças enunciadas pelos interagentes se configuram como respostas ativas ao mundo, articulando linguagem, memória, ideologia e transformação. Não apenas falam do mundo, mas agem sobre ele, reconfigurando os modos de significar o outro e a si mesmo no encontro com a diferença.

#### O dialogismo vivo e a ética da alteridade: marcas do aprender-ensinar em movimento

A interação analisada possibilitou descobertas mútuas. Pablo e Ana contrapõem experiências e reflexões, revelando sujeitos que transitam entre o dizer e o pensar, entre o aprender e o ensinar. A linguagem não aparece apenas como instrumento de comunicação, mas como espaço de encontro, conflito e transformação. Enquanto pesquisadores e aprendizes por meio dessa jornada, reafirmamos a potência desse corpus não apenas como dado empírico, mas como testemunho de que o diálogo, quando ancorado no respeito à alteridade e na escuta genuína, pode configurar-se como ato político, poético e profundamente pedagógico.

Nesse horizonte, destacam-se as hesitações, pausas e autocorrekções como marcas do dialogismo vivo. A oralidade é densamente marcada por recursos prosódicos — “a::”, “ah::”, “...” — que vão além do processamento linguístico-cognitivo: constituem indícios de um sujeito que significa enquanto fala, em resposta ativa ao outro e ao contexto. Essas marcas revelam o que Bakhtin (2011) denominaria responsividade concreta: o enunciado não é formulação prévia, mas construção situada na cadeia da comunicação verbal. Assim, quando Pablo reformula “talvez, agora, nós nos acostumamos muito mais a fazer as coisas pela necessidade que nós temos como a sociedade...”, a fluidez vacilante não é ruído, mas expressão de uma voz que se elabora na tensão entre idioma, ideologia e alteridade. Da mesma forma, a pausa de Ana ao abordar o trabalho precarizado — “É:: muito triste, mas é muito interessante ver como... como isso vai passando de geração em geração...” — carrega densidade ética e afetiva, sinalizando um sujeito que hesita não por insegurança gramatical, mas por engajamento ético naquilo que enuncia.

Outro aspecto fundamental é a alternância de códigos como indício de bilinguismo responsivo. O corpus revela episódios de code-switching, interferências linguísticas e



hibridismos, sobretudo na fala do mexicano. Casos como “agricultoria” (em vez de agricultura) ou “nós estemos sendo escravizados” (subjuntivo espanhol no lugar do indicativo português) evidenciam a heterogeneidade constitutiva da linguagem (Bakhtin, 2011). Essas ocorrências não devem ser lidas como falhas, mas como expressão do tensionamento entre sistemas linguísticos e do esforço para significar em um espaço intercultural. Aqui, a língua aparece em sua condição real: não homogênea, mas sempre permeada por vozes outras, atravessada pela alteridade.

Importa notar que essas interferências não são corrigidas de forma normativa ou punitiva. Ao contrário, são acolhidas pelos interlocutores como parte do processo. Tal postura expressa uma ética da alteridade (Bakhtin, 2017), em que o erro não desqualifica, mas se torna momento produtivo de aprendizagem e coautoria. Isso se manifesta, por exemplo, no diálogo:

Pablo:	É	certo?	Agricultoria?
Ana:			Agricultura.
Pablo: Muito obrigado. Eu faço muitas complexas situações ((risos)).			

A sequência ilustra um gesto de mediação horizontal, em que a correção acontece de modo colaborativo, com humor e gratidão, e não como imposição hierárquica. O conhecimento, nesse contexto, é tecido a partir da escuta, da reciprocidade e do riso, elementos que, na perspectiva bakhtiniana, constituem a vitalidade da linguagem enquanto prática social.

Ainda mais revelador é o comentário metalinguístico de Ana no encerramento: “Acho que eles esqueceram de avisar aqui a hora de trocar de idioma, né? Já é quase quatro horas.”. Trata-se de um enunciado aparentemente banal, mas que sinaliza consciência crítica sobre o próprio dispositivo comunicativo. Ana não apenas participa da atividade, mas observa e reflete sobre as regras institucionais que a estruturam. Essa autorreflexividade remete ao que Bakhtin chama de arquitetônica da enunciação: a percepção do lugar discursivo como situado, regulado e ideologicamente investido. Assim, a fala de Ana evidencia não apenas participação linguística, mas também agenciamento discursivo e metacognição sobre o processo pedagógico.

A análise da primeira interação mostra que o Teletandem não é apenas espaço de prática linguística, mas um território de encontros discursivos e éticos, onde sujeitos constroem sentidos, identidades e saberes em relação responsiva com o outro. Hesitações, pausas, alternâncias de código, reformulações e comentários metalinguísticos devem ser lidos como marcas do dialogismo vivo e da consciência em processo. Tais elementos reafirmam a linguagem como ato ético-estético, sustentado pela responsabilidade diante do outro, e apontam para uma pedagogia da linguagem que se ancora na alteridade, na coautoria e no compromisso de transformar, em diálogo, as formas de ver e habitar o mundo.

Considerações finais

A análise da primeira sessão de interação em Teletandem Institucional Integrado (TTDii) entre Ana e Pablo revelou que as crenças, longe de constituírem estruturas mentais estáticas, emergem como práticas discursivas historicamente situadas, atravessadas por vozes sociais, ideológicas e afetivas. Enunciar uma crença, nesse contexto, é também um gesto de alteridade: implica posicionar-se diante do outro, negociar sentidos e transformar percepções cristalizadas. Observamos, assim, tanto crenças explicitamente tematizadas quanto outras naturalizadas no cotidiano dos sujeitos, ambas revelando tensões entre agência individual e forças estruturais. A alteridade, portanto, não se apresenta como abstração teórica, mas como vivência concreta, marcada por deslocamentos identitários e reconhecimento da diversidade cultural latino-americana.

O Teletandem revelou-se, mais do que um recurso tecnológico, um território de formação crítica, ética e intercultural. A interação analisada evidenciou o potencial pedagógico do dispositivo como ecossistema comunicativo no qual a linguagem opera simultaneamente como instrumento de aprendizagem, espaço de resistência simbólica e prática de liberdade. Sua potência reside na articulação entre diálogo, escuta ativa e coautoria, possibilitando que os sujeitos se formem criticamente enquanto constroem novas formas de convivência com a diferença.

É importante, contudo, reconhecer as limitações desta investigação. O corpus analisado se restringe a uma única sessão de interação e a dois participantes, o que impede generalizações mais amplas. Ainda assim, tais recortes não comprometem a relevância do estudo, mas apontam caminhos para pesquisas futuras: ampliar o número de sessões analisadas, diversificar os contextos institucionais e examinar como as crenças se transformam ao longo do tempo. Outras investigações poderão explorar, de modo comparativo, os aspectos ético-políticos do Teletandem em diferentes parcerias internacionais, aprofundando sua contribuição para uma pedagogia intercultural crítica e decolonial.

Esta análise evidencia que a experiência do Teletandem não se reduz a uma prática instrumental de ensino-aprendizagem de línguas, mas constitui um território de encontros discursivos e éticos. Nele, crenças são tensionadas, estereótipos são problematizados e novas possibilidades de ser e de estar com o outro se configuram. Trata-se de um campo fértil para a formação de professores e aprendizes capazes de assumir o diálogo como prática ética, política e pedagógica de resistência e transformação.

Sob a lente da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), compreendemos que o diálogo, a escuta e a coautoria não são apenas estratégias metodológicas, mas atos fundantes da experiência humana. O Teletandem, nesse sentido, inscreve-se como uma prática de linguagem em Grande Tempo: um espaço em que sentidos são costurados na interlocução, resignificados em trânsito e projetados ao futuro. Nele, os sujeitos se formam na tensão entre alteridade e identidade, entre escuta e enunciação – em movimento contínuo de responsabilização diante da palavra, do Outro e do mundo.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. 4.ed. Campinas: Papirus, 1995.

ARANHA, Solange; CAVALARI, Suzi Marques Spatti. A trajetória do projeto. Teletandem Brasil: Da modalidade Institucional não-integrada à institucional integrada. The ESPECIALIST, v. 35, n. 2, p. 183-201, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michelaud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Para uma Filosofia do Ato Responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Metodologia de Pesquisa das Crenças sobre Aprendizagem de Línguas: Estudo da Arte. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v.1, n.1, p.71-92, 2001.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira; VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena. (Orgs.) Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, 2006.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUMPERZ, John J. Discourse Strategies. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

KOZINETZ, Robert V. Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre, Penso, 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2001.

PENNYCOOK, Alastair. Global Englishes and Transcultural Flows. London: Routledge, 2006.

SILVA, Rickison Cristiano de Araújo. Suleando a formação de professores de espanhol: práticas interculturais e decoloniais no Teletandem. Tese (Doutorado em Linguagem e Ensino) — Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2024. 328 f.

VASSALLO, Maria Luisa; TELLES, João Antonio. Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa. In: TELLES, J.A. (Org.). Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI. Campinas: Pontes Editores, 2009, p. 23-42.

VOLÓCHINOV. Valentín Nikolaevich. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: in-surgir, re-existir y re-vivir. In: WALSH, C. (org.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009, p. 27-53.